

# LITERATURA ITALIANA: CONFRONTAÇÕES

RITA MARNOTO\*

## 1. A HISTORICIZAÇÃO DA LITERATURA E O SEU ENSINO

AS GRANDES QUESTÕES COM AS QUAIS a história da literatura se tem vindo a confrontar, nos últimos tempos, reflectem-se de modo muito premente no campo do ensino. A forma como é feita a sua historicização, hoje, é parte activa e primordial daquela memória gregária que constrói a tradição de uma cultura e, correlativamente, a sua identidade. Ora, as instituições universitárias são lugares privilegiados de investigação e de reprodução do saber. Neste quadro, o ensino da literatura é uma área bastante sensível, por nela se reflectirem, muito directamente, todas essas tensões mais ou menos latentes. Mas muito mais sensível se torna quando se trata de leccionar matérias que integram o ensino da literatura italiana num âmbito mais vasto, que envolve as relações entre a literatura italiana e a literatura portuguesa, abrindo-se explicitamente ao âmbito da literatura comparada.

Na charneira das mais recentes transformações, costuma ser colocada a incidência daquelas formas de comunicação mediática que contribuem para a relegação do literário a uma superficialidade reducionista. Com a difusão da inter-

\* Rita Marnoto é Professora de Literatura Italiana, de Literatura Comparada e de Tradução na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem-se vindo a dedicar ao estudo de diversas épocas e de vários autores.

net, criou-se um enorme reservatório de dados que tantas vezes é confundido, porém, com as operações de uma memória que organiza, filtra e reelabora a informação. É a partir daí que se difunde a ideia de que, num mundo onde tudo é cultura, é supérfluo desdobrar essa dita espontaneidade no ensino e na aprendizagem das humanidades. Por sua vez, as universidades, ao serem confrontadas com o esgotamento da massificação quantitativa, encontram a resposta mais fácil na transposição para uma massificação qualitativa. Esta situação, muito complexa, afecta as instituições de ensino de toda a Europa, mas tem vindo a ter particulares reflexos na área das humanidades. Dos anfiteatros repletos de jovens, a leccionação dos cursos de Línguas e Literaturas passou para lugares esconsos, onde se acomoda um punhado de estudantes. Imagine-se então aquele professor que é um aficionado do literário, defensor do saber filológico e das metodologias centradas sobre o texto, a entrar na sala de aula munido de um manual de literatura compacto, organizado por períodos, movimentos e gerações, com datas, índices de obras, autores e dicionário de termos literários: o velho manual, de instrumento mediador susceptível de sistematizar conteúdos e de estimular o seu aprofundamento, arrisca transformar-se num elemento que perturba a comunicação entre docente e discente.

No campo das relações interculturais, esse nó de problemas põe a descoberto algumas das mais vivas quinas do nosso tempo. Mas as questões começam a colocar-se ainda antes do perfil do manual: no acesso ao manual. A literatura italiana é essencial para um conhecimento sério e profundo da literatura portuguesa e os lusitanistas das universidades italianas têm vindo a dar grandes contributos para o desenvolvimento dessa área. Estão em curso, neste momento, vários projectos de lançamento, em Itália, de manuais de literatura portuguesa e de literaturas de expressão portuguesa. Por sua vez, um estudante que não conheça o idioma italiano, ou

até qualquer pessoa interessada em aceder a um compêndio de literatura italiana escrito em língua portuguesa, não têm essa oportunidade. Em Portugal, os manuais de literatura italiana contam com cerca de meio século, encontram-se desactualizados e estão fora do mercado. Para uma perspectiva geral das relações entre as duas literaturas, o pequeno volume de Giuseppe Carlo Rossi, *La letteratura italiana e le letterature di lingua portoghese*, em boa hora traduzido para português<sup>1</sup>, continua à espera de revisão e actualização. Contudo, quem atentar na recente *Letteratura comparata* de Gardini<sup>2</sup> ficará profundamente insatisfeito com o espaço que, entre as tantas literaturas que dão lastro ao volume, é reservado às literaturas em língua portuguesa. E ainda mais o ficará ao folhear as mais de mil páginas do décimo segundo volume da *Storia della letteratura italiana*, intitulado *La letteratura italiana fuori d'Italia*<sup>3</sup>. A ânsia de colher dados concretos sobre as suas relações com a literatura portuguesa em vão esperará correspondência.

## 2. TERMOS EM DISCUSSÃO

O vivo debate em torno do lugar ocupado pela literatura, no mundo de hoje, tem levado a que, em cada país, sejam seguidos determinados rumos específicos. Os termos da discussão prendem-se mais directamente quer com as situações no terreno, quer com o próprio património carregado pelas modalidades através das quais uma cultura foi construindo a história e a crítica da sua literatura. Pela acuidade

<sup>1</sup> Torino, Società Editrice Internazionale, 1967, trad. port. Giuseppe Mea, *A literatura italiana e as literaturas de língua portuguesa*, Porto, Telos, 1973.

<sup>2</sup> Nicola Gardini, *Letteratura comparata. Metodi, periodi, generi*, Milano, Mondadori Università, 2002 [com reed.].

<sup>3</sup> *Storia della letteratura italiana*, diretta da Enrico Malato, 12. *La letteratura italiana fuori d'Italia*, coordinato da Luciano Formisano, Roma, Salerno, 2002.

e pela amplidão do questionamento envolvido, que tomou foros de debate público, a discussão que se desenrolou em Itália colocou a tónica sobre aspectos essenciais a esta reflexão.

Esse estado de coisas foi emblematizado pelo livro de Cesare Segre, *Notizie della crisi. Dove va la critica letteraria?*<sup>4</sup>. Filólogo, crítico estruturalista e linguista de referência, Segre acompanhou todas as tendências críticas do Pós-Guerra. Acouta-as, até ao domínio da teoria da recepção, mostrando-se, porém, refractário aos estudos culturais e às linhas de pesquisa deles decorrentes. Mas o seu livro suscitou reacções, no tecido intelectual italiano, que o desconsolo do seu autor estaria longe de prever. Resistências e vinculações foram, por si, uma resposta à crise. Ao perguntar-se de que tipo de crise se trata, se do fim de um projecto cultural que se esvaizou, se de um momento transitório, Remo Ceserani remete para uma mudança de paradigma, concluindo que “il fatto è che non siamo più nell’epoca della modernità: siamo in un’epoca successiva, a cui abbiamo dato il nome di postmodernità. I paradigmi culturali, i referenti ideologici, i modelli operativi sono cambiati radicalmente. Siamo in un altro mondo. E anche per la critica letteraria le cose sono assai cambiate, e sono ormai assai più complicate di quanto non voglia ammettere Segre”<sup>5</sup>. Ao apelar, justamente, a uma atitude intelectual que tenha em linha de conta que “siamo in un altro mondo”, Ceserani traz à colação um princípio fundamental da actividade científico-pedagógica. Se o dimensionamento da actual conjuntura assegura o valor de realidade necessário a uma prática proba, o sentido projectual carrega aquela faixa de ambição sem a qual não pode ser ultrapassado um cepticismo estéril.

<sup>4</sup> Torino, Einaudi, 1993 [com reed.].

<sup>5</sup> *Guida allo studio della letteratura*, Roma, Bari, Laterza, 1999 [com reed.], p. XVI.

Este conjunto de asserções mostra até que ponto o ensino da literatura se encontra espartilhado entre a defesa do seu campo institucional e a adesão a novos pontos de vista. É por razões dessa ordem que Giulio Ferroni adverte, na senda de Readings, relativamente ao estrangulamento dos elos que ligam universidade e cultura<sup>6</sup>. As flutuações programáticas de um cânone sempre a definir, a alargar e a redefinir de modo indiferente por cada comunidade interpretativa desembocam na criação de um horizonte autorreferencial, desligado da função antropológica e social da literatura: “sotto un’immagine illusoria di apertura culturale, di democratizzazione dei modelli, di negazione di ogni autorità precostituita, si nasconde la finale riduzione di tutto ciò che si intendeva per cultura e letteratura a qualcosa di irrelevante, di marginale, di ‘locale’, senza più nessuna presa con la reale sfera pubblica”<sup>7</sup>. A crise da esfera pública é também a crise do público das escolas, e do ensino da literatura em particular.

### 3. O ESPAÇO DA LITERATURA COMPARADA

As conturbações próprias do período que hoje se vive são, em boa parte, engrandecidas pelo seu carácter transitório, havendo até quem entenda que se esteja a atravessar um dos mais delicados momentos da história da pedagogia. Pelo que diz respeito ao contexto português, acresce o facto de os ritmos de interpenetração entre moderno e posmoderno serem muito díspares, criando um efeito de mancha de leopardo que pesa sobre uma orientação de estratégias. Só da consciencialização, em sentido positivo, deste conjunto de circunstâncias, poderão surgir respostas à margem de qualquer visão catastrófica ou pessimista que seja. Um alheamento em

<sup>6</sup> “Al di là del canone”, *I confini della critica*, Napoli, Guida, 2005, pp. 37-48.

<sup>7</sup> *Ib.*, pp. 40-41.

relação às grandes mudanças em curso contrariaria e desvirtuaria a essência do trabalho pedagógico. A complacência perante a dissolução do literário ou, para utilizar uma expressão em voga, perante *a morte do literário*, poria em causa a função institucional e cívica da docência.

Ao reconhecimento do lugar que cabe ao leitor ou ao público discente no processo educativo, subjaz a noção de acordo com a qual não há verdadeiro saber nem verdadeira experiência à margem de um questionamento. Nesse questionamento, fica envolvida a situação comunicativa mediante a qual o tempo presente se erige em horizonte a partir do qual é projectada a historicização crítica da literatura do passado. Como tal, essa dimensão interactiva traz para primeiro plano a dinâmica entre pergunta e resposta, qualquer que seja o âmbito disciplinar da docência, fazendo do trabalho docente uma hermenêutica interdialogal e interdisciplinar. Condivido inteiramente o parecer de Romano Luperini quando, à centralidade do diálogo entre texto e leitor, acrescenta a do diálogo entre o leitor-intérprete, os outros leitores-intérpretes de um grupo e entre as diversas disciplinas: “Nel campo dello studio della letteratura, un uso rigoroso della interdisciplinarità non è tuttologia, ma è il suo esatto opposto: è l’impiego di discipline diverse al fine di capire meglio o di spiegare meglio un testo letterario o un fenomeno letterario (un movimento, un tema, un periodo storico)”<sup>8</sup>. O esclarecimento e o aprofundamento da densidade do texto a partir de processos de intersecção com outros sistemas que não o literário proporciona um mais apurado conhecimento de estruturas semântico-pragmáticas e formais, de preceitos normativos e do investimento simbólico do imaginário, sem perder de vista não só domínios artísticos como as belas-artes ou o cinema, mas também a recente expansão de outras

<sup>8</sup> “Canone occidentale, etica planetaria e trasformazione della figura dell’insegnante d’italiano”: *Allegoria*, n. s., 14, 40–41, 2002, p. 199.

áreas disciplinares, como a sociolinguística, a história das mentalidades, das instituições, do mercado literário, do pensamento científico, das relações internacionais. Não se trata, de modo algum, de uma *tuttologia*. A interdisciplinaridade é contida pela centralidade conferida ao literário e não corresponde a uma renúncia aos conteúdos disciplinares. Visa compreender e ensinar melhor a literatura, sem a confundir com outras disciplinas.

Para que métodos e perspectivas de investigação gerem um impacto científico-pedagógico, é necessário estabelecer equilíbrios e trabalhar na pluralidade. Daí poderão decorrer, aliás, resultados susceptíveis de fundamentarem o estatuto dos estudos literários e da literatura comparada como *Literaturwissenschaft*, através de uma discussão viva e profícua. É pela via da sua existência como *littera*, como imaginário radicado em estruturas simbólicas de carácter eminentemente gregário, que a comparatística se afirma e suscita o seu reconhecimento institucional: “Compito della letteratura comparata è anche quello di promuovere una migliore conoscenza, e forse un migliore uso, dell’eredità culturale che ciascuno, a partire dalla realtà culturale cui è radicato, possiede: conoscere l’altro non significa sradicarsi, ma deve costituire un’occasione per comprendere meglio il proprio radicamento. Può essere questa una delle funzioni della letteratura comparata come disciplina universitaria”, nota, justamente, Armando Gnisci<sup>9</sup>.

Como tal, a literatura comparada erige-se em via através da qual é enfrentada a perda de parâmetros de referência e a atomização dos saberes numa deriva indiscriminada pelo possível que dissolve as categorias temporais e também os seus correlatos situacionais, mercê da redução dos movimentos por elas implicados a um presente indiscriminado, onde tudo se acumula de modo baço. A reprodução desta atitude de indiferença pelas jovens gerações que frequentam

<sup>9</sup> *La letteratura comparata*, Roma, Sovera, 1993, p. 118.

a universidade comportaria um custo elevado para os estudos literários, mas, além disso, acarretaria também uma ingente factura em termos culturais e sociais. Se a desvinculação do presente em relação ao passado torna vão o sentido patrimonial do saber, a sua desvinculação em relação ao futuro debilita a função maiêutica, ceifando aquela capacidade projectual efectiva que é essência de qualquer processo formativo.

#### 4. AS *LEZIONI AMERICANE* DE ITALO CALVINO

Calvino é um dos escritores italianos do século XX que o público português melhor conhece. Quase toda a sua obra se encontra disponível em tradução portuguesa, estando em curso várias iniciativas editoriais. Detenho-me, em particular, sobre o volume que nos legou com o título de *Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio*. Esse ensaio retoma, de um modo que se revela particularmente original, quando inserido no panorama crítico planetário, muitas das questões que tenho vindo a equacionar. Além disso, tendo sido concebido sob a forma, explícita e deliberada, de *lições*, oferece, *ab initio*, largas possibilidades de uma confrontação entre a historicidade da literatura e o ensino.

Calvino domina a dualidade. Por um lado, antevê o peso das dificuldades e das derivas que caracterizam o novo milénio. Por outro lado, recusa devaneios nefelibatas, com a sua inabalável crença nos princípios do racionalismo: “Nei momenti in cui il regno dell’umano mi sembra condannato alla pesantezza, penso che dovrei volare come Perseo in un altro spazio. Non sto parlando di fughe nel sogno o nell’irrazionale. Voglio dire che devo cambiare il mio approccio, devo guardare il mondo con un’altra ottica, un’altra logica, altri metodi di conoscenza e di verifica. Le immagini di leggerezza che io cerco non devono lasciarsi dissolvere come sogni dalla

realtà del presente e del futuro...”<sup>10</sup>. As questões de relação, de valor e de temporalidade, que estão no cerne de toda a problemática que tenho vindo a enunciar, são articuladas à luz de uma perspectiva dotada de um forte impacto pedagógico, em estrita correlação com as circunstâncias que presidiram à gênese das *Lezioni*.

Nunca será demais recordá-las. Foram concebidas para as *Charles Eliot Norton Poetry Lectures* e deviam ter sido proferidas ao público da Universidade de Harvard no ano académico de 1985-1986. Esses seminários tiveram início em 1926 e, para a sua leccionação, foram convidados intelectuais como T. S. Eliot, Igor Stravinski, Jorge Luis Borges, Northrop Frye ou Octavio Paz. Era aquela a primeira vez que Harvard convidava um escritor italiano. A formulação discursiva das *Lezioni* segue uma linha dotada de profunda coerência, mas solta. Enquanto *memo* (*Six Memos For the Next Millennium*, foi o título inglês que Calvino lhes deu), retomam um passado histórico onde fica contido um saber a reter, mas considerado na sua dimensão longínqua, *for the next millennium*. De uma circunstância, a morte de Calvino antes de partir para Harvard, resultou que nos fossem dadas a conhecer através da sistematização prévia que delas fez.

Logo a partir do texto introdutório, é clara a associação da tradição literária a um conceito de literatura que supera as fronteiras nacionais: o conferencista assume “la responsabilità speciale di rappresentare [...] una tradizione letteraria che continua ininterrottamente da otto secoli”, especificando que entende a designação de *poetry* “in senso estensivo, tanto da comprendere anche musica e arti visuali”, e a literatura “come universale, senza distinzioni di lingua e di carattere nazionale, [...] il passato in funzione del futuro”<sup>11</sup>. Daí de-

<sup>10</sup> *Le lezioni americane, Saggi. 1945-1985*, a cura di Mario Barenghi, Milano, A. Mondadori, 2001, vol. 1, p. 635.

<sup>11</sup> *Ib.*, vol. 2, p. 2958.

corre a consagração das conferências “ad alcuni valori o qualità o specificità della letteratura che mi stanno particolarmente a cuore, cercando di situarle nella prospettiva del nuovo millennio”<sup>12</sup>. São cinco, leveza, rapidez, exactidão, visibilidade e multiplicidade, embora estivesse prevista a sua expansão<sup>13</sup>. A noção de valor ou qualidade é o cerne a partir do qual são captadas articulações temporais e espaciais que proporcionam um melhor conhecimento das várias literaturas em termos de relação e, simultaneamente, de um conjunto de referências com incidência gregária. Como tal, os conteúdos ficam necessariamente abertos a questões que, recusando qualquer tipo de relativismo aleatório, exploram as vias da evolução histórica, da radicação literária e da racionalidade crítica. A importância concedida ao horizonte efectivo do público leva Calvino a valorizar temas actuais, para sucessivamente trabalhar o alcance da sua extensão até momentos mais recuados. Assim é motivado o convívio com épocas que, pelo seu distanciamento, tendem, tantas vezes, a ser evitadas.

Por consequência, as modalidades de interrelacionamento disciplinar, literário e temporal implicadas deixam em aberto um espaço a preencher. Esse espaço é também o de uma relação pedagógica voltada para o questionamento do público a quem as *Lezioni* se dirigem. Com efeito, dessa modalidade de formulação decorrem proficuas possibilidades de exploração, na medida em que é proporcionada uma interacção entre o seu conteúdo e o horizonte discente, de forma a tirar o melhor partido formativo das *aventuras da diferença*. Os seus parâmetros prestam-se a ser discutidos, construídos, fundamentados, descobertos e aprofundados. Num mundo em que tantas ideias e tantos bens são dados à partida, a escolha dessa linha de interrelação é também um

<sup>12</sup> *Ib.*, vol. 1, p. 629.

<sup>13</sup> Vd. o aparato à edição, *ib.*, vol. 2, pp. 2957-2985.

estímulo à capacidade de reflexão e ao sentido crítico, activando o confronto. Se as épocas de mudança são difíceis, não se esqueça que elas suscitam, da mesma feita, necessidades e possibilidades de clarificação que importa potenciar através de planos formativos.

As *Lezioni* pressupõem dois temas essenciais, que se encontram intimamente relacionados e se colocam no cerne das grandes questões com as quais a história da literatura e o seu ensino se confrontam, hoje: os clássicos e o cânone. Apesar de estarem subjacentes ao andamento das suas páginas, nenhum deles é directamente abordado. Pelo que diz respeito ao primeiro tema, Calvino prossegue a linha traçada no artigo “Perchè leggere i classici”<sup>14</sup>. Aí radicam, em meu entender, as convicções daquele Cesare Segre, pré- e pós-*Notizie della crisi*, de acordo com as quais “ogni lettura del testo non contemporaneo è dunque una lettura plurima, perchè il lettore riattualizza significati che in parte sono già entrati nella cultura, e nella sua cultura, attraverso le letture precedenti”<sup>15</sup>. É através de um percurso que, do presente, leva até ao passado, que são descobertos elos de continuidade e articulações que conferem sentido à sua leitura. A ancoragem no presente funcionará como estímulo e conferir-lhe-á incidência projectiva em relação a outras abordagens. A análise do passado, a partir do presente, é um modo de criar o espaço crítico necessário à compreensão e à interpretação, interrogando e perscrutando a literatura pretérita a partir da actualidade. Um texto só é compreendido na medida em que é compreendido de formas diferentes ao longo do tempo. Assim se percorre e se respeita o círculo hermenêutico, que reflecte a tensão entre a sua identidade e a situação em que é compreendido.

<sup>14</sup> *Ib.*, vol. 2, pp. 1816-1824. Foi inicialmente publicado em 1981.

<sup>15</sup> “Testo letterario, interpretazione, storia: linee concettuali e categorie critiche”: *Letteratura italiana*, direzione Alberto Asor Rosa, 4. *L'interpretazione*, Torino, Einaudi, 1985, p. 26.

Quanto ao cânone, note-se que é precisamente para o público dos Estados Unidos, uma cultura tão propensa à formulação e difusão das teorias da disseminação e dissolução do cânone, que Calvino se propõe falar de valor e qualidade. Foi precisamente nos Estados Unidos que a discussão em torno desse tema teve o seu grande fulcro. Todavia, condicionou bastante uma crítica europeia que laborou em torno de modelos americanos. O seu *background* é muito diverso da tradição do velho continente. Só por alturas da Segunda Guerra é que o cânone da literatura dos Estados Unidos se instaura nas suas universidades, depois de voluntárias rupturas com a tradição de estudos das línguas clássicas e da literatura inglesa. Nessa viragem, à tradição de estudos substitui-se o cânone, como salienta Giulio Ferroni: “Da questo punto di vista, il termine canone si pone in alternativa a quello di *tradizione*: l’attenzione delle istituzioni educative americane al canone è stata determinata dal modo in cui la nazione americana si è costruita e riconosciuta, rompendo con una rivoluzione i limiti di una consolidata tradizione, fondando una nuova comunità e un nuovo orizzonte civile”<sup>16</sup>. Ora, Calvino posiciona-se no horizonte de uma tradição sedimentada ao longo de um percurso que desconhece rupturas bruscas, “una tradizione letteraria che continua ininterrottamente da otto secoli”, afirma ele. Repensa-a, desmonta-lhe os fundamentos, mas à margem da necessidade de elaborar um elenco selectivo, à Harold Bloom, ou de ditar regras mecânicas para a definir e balizar. Europeia e mundial, formativa e interrogativa. Suficientemente sólida para que a sua perscrutação e a sua indagação possam reverter sobre a sua densidade.

O ensaio de Calvino honra, sem dúvida, o título de *lições*. Recusando formulações fáceis, traça um alicianante percurso entre poetas, escritores, épocas e literaturas que, na sua abran-

<sup>16</sup> *Cit.*, p. 39.

gência, proporciona um contacto com universos literários muito ricos e variados. O processo de concatenação de ideias em torno do qual se organiza o pensamento do autor desenvolve-se numa espécie de *movimento perpétuo* que alicia pela vivacidade flutuante. O facto de o texto ter chegado até nós numa versão pedagógica poderá também ser interpretado como um acto de entrega que espera uma resposta na interpretação do leitor, com a sua disponibilidade para ser aplicado a outros contextos ou para ser expandido.

## 5. LITERATURA ITALIANA, LITERATURA PORTUGUESA

A terminar estas reflexões acerca da historicidade da literatura, em confronto com as condições em que é feito o seu ensino no mundo de hoje, fica uma chamada de atenção para as potencialidades contidas no estudo comparativo da literatura italiana e da literatura portuguesa. Aquele questionamento fundamentado que marca o filão de pensamento que, da primeira metade do século XX, se estende ao novo milénio, encontra na literatura comparada um rumo de eleição. Se tanto a pergunta, como a resposta que lhe é dada, radicam num horizonte próprio, esse princípio ganha incidência privilegiada no quadro de um programa pedagógico, pelo que diz respeito quer à sua concepção, quer às actividades propostas e até ao estatuto disciplinar em causa.

A cultura italiana está, de certa forma, preparada para afrontar momentos de transição como o é o presente, porquanto, fiel à herança de Croce e a um método filológico nutrido pelo melhor historicismo, sempre colocou sérias reservas à autonomia absoluta do texto e à sua autorreferencialidade, tendo intersectado, desde muito cedo, as tendências formalistas com uma franca abertura à teoria da recepção. Além disso, o debate crítico envolveu, ao longo do tempo, não só gerações muito diversificadas, de Debenedetti, Con-

tini, Dionisotti, Corti, Segre, Ceserani ou Eco às gerações mais novas, como também planos diferenciados, desde as intervenções das neovanguardas aos fóruns de discussão acolhidos nas páginas de revistas e na imprensa. Aliás, essa pluralidade de métodos, alheia a ortodoxias, traduz uma disponibilidade para efectuar mediações que é característica de qualquer tecido cultural fortemente compósito. A esse respeito, nem creio que possam, nem que devam, ser desperdiçadas as potencialidades contidas pelo tecido cultural português, tendo em linha de conta que também ele se caracteriza por uma acentuada disponibilidade perante o diverso, a qual marcou profundamente a sua história e pulsa no seu presente. Também a confrontação entre a literatura italiana, a literatura portuguesa, e também outras literaturas e outras áreas disciplinares, na sua historicidade, é uma permanente resposta aos momentos de crise que ciclicamente assolam a condição *local* da literatura portuguesa. Afinal, tanto a literatura portuguesa, como a italiana fazem parte daquela mesma “tradizione letteraria che continua ininterrottamente da otto secoli”, oito séculos de afinidades sedimentados por aquela plataforma comum explorada por Roberto Gigliucci no artigo publicado nas páginas precedentes, “A realidade da literatura europeia”. A sua existência e a sua tradição não precisam de ser aferidas pelo cânone.